

Sítio escola da Praça Getúlio Vargas, área do Forte de São Lourenço no município de Itaparica - BA

Fabiana Comerlato

Resumo: O objetivo deste relatório é apresentar os resultados do sítio escola ocorrido no município de Itaparica, Recôncavo da Bahia. O sítio escolhido para as escavações foi a Praça Getúlio Vargas, local planejado para receber o Centro de Arqueologia Marítima da Universidade Federal da Bahia. A experiência deste curso de verão resultou no treinamento e na experiência de aprendizagem, através dos trabalhos de campo, laboratório e gabinete. Ao final, foram evidenciadas várias camadas de aterros com cultura material descartada nesta ilha. No centro desta praça, também foram encontradas estruturas de um restaurante do século XX.

Palavras-chaves: Sítio escola. Arqueologia histórica. Itaparica.

Final field school report of Getulio Vargas Square, Fort of San Lourenco in the town of Itaparica – BA

Abstract: The aim of this report is to present the results of the field school which occurred in the town of Itaparica, Reconcavo of Bahia. The excavations where conducted at Square Getulio Vargas, the planned location to build the Center for Maritime Archaeology of the Federal University of Bahia. This summer course resulted in training and learning, through fieldwork, laboratory, and office experiences. At the end, evidence was found of numerous landfill layers with material culture that was discarded on the island. In the center of this square, structures of a twentieth century restaurant were also found.

Keywords: Archaeology field school. Historical archaeology. Itaparica.

1. APRESENTAÇÃO

A intenção deste relatório é apresentar os resultados do levantamento e caracterização do potencial da Praça Getúlio Vargas, também denominada do Boulevard, situada na parte histórica do município de Itaparica, Estado da Bahia . Tal praça é circunvizinha ao Forte de São Lourenço de Itaparica – conhecido sítio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e registrado entre os monumentos constantes no Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia (BAHIA, 1997). Ambas as referencias ilustram seu valor e potencial histórico, arquitetônico e arqueológico (fig. 1).



Fig. 1. Fotografia da Praça Getúlio Vargas, também denominada Praça Bouvelard. Nesta foto é possível observar o mobiliário urbano (postes de luz, lixeiras e bancos), área gramada com árvores de baixa estatura e um passeio tendo ao centro um espelho d'água (FALCÃO, 1940: 243).

No que tange aos objetivos, este projeto foi idealizado no sentido de usar o referido local como um sítio escola, para treinamento de estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), bem como de agentes da própria comunidade itaparicana, capacitando-os à possibilidade futura de se inserirem de modo eficaz dentro de equipes profissionais de escavações científicas ou como lazer cultural. Essa ação se justifica plenamente quando lembramos a demanda premente para o Estado da Bahia, e, em especial, para Salvador, de profissionais treinados e competentes para atuarem nessa área particular do conhecimento. O Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA foi o organizador desta proposta de sítio escola cadastrado junto à instituição como um curso de verão.

Como relação ao potencial arqueológico do sítio em questão, recapitulando a sua trajetória ao longo dos séculos, assim como fazendo um breve exercício comparativo com escavações de outros assentamentos militares, é plausível que se encontrem objetos pequenos ou partes do trem de artilharia ou da tralha de palamenta. Em especial, projéteis e pederneiras, mais resistentes à deterioração, além dos comuns fragmentos de faianças e cerâmicas, que fornecem uma cronologia relativa.

Todavia, como se trata de uma investigação em um contexto de continua ocupação, lembramos aqui algumas considerações já tecidas a esse respeito:

Nos últimos anos, estudos de arqueologia urbana vêm sendo desenvolvidos em diferentes cidades brasileiras, proporcionando importantes informações e ensejando reflexões acerca dos processos sócio-históricos formadores dessas cidades.

Resulta destas intervenções a evidenciação de estruturas que emergem, às vezes inesperadamente, em contexto contemporâneo e das quais não se tinha memória. Isto quer dizer que se colocam a disposição da população ‘novos’ elementos compositivos da geografia urbana, que deverão ser, por parte dos moradores, apropriados e re-semantizados. (ETCHEVARNE, 2002: 57)

Ademais, a intervenção arqueológica foi uma exigência da 7ª SR/IPHAN/BA em cumprimento a legislação federal de proteção ao patrimônio cultural. Já que se pretende construir na referida praça um Centro de Arqueologia Marítima, projeto da UFBA com a Prefeitura de Itaparica (Secretaria de Cultura, Turismo e Meio Ambiente). Desta forma, a pesquisa arqueológica visou salvaguardar a cultura material encontrada nos locais de instalação das sapatas desta construção, verificando a existências de possíveis contextos arqueológicos relacionados com a história da fortaleza, da pesca da baleia ou de outra atividade pretérita sita naquela parte de Itaparica.

2. SÍTIO ESCOLA PRAÇA GETÚLIO VARGAS (PRAÇA BOUVELARD)

2.1. SOBRE A PROPOSTA DE SÍTIO ESCOLA

O sítio escola de Itaparica tem como objetivo a difusão da ciência arqueológica para os participantes de outras áreas de estudo e atividade profissional, além da formação de estudantes de graduação da UFBA e da UFRB, parte deles bolsistas do MAE/UFBA. O doutor Arno Kern, coordenador do sítio escola da área missioneira sul brasileira, destaca a importância do investimento em recursos humanos, já que experiências desta natureza podem oferecer uma vivência da *práxis* arqueológica para uma futura geração de arqueólogos (1994: 90; 1994-95: 95; 1998: 62).

Destacamos a experiência brasileira na realização de projetos de sítio escola que remonta há algumas décadas. Podemos citar alguns exemplos de projetos deste tipo que tiveram grande repercussão no Brasil e na formação de novos pesquisadores: sítio escola da do curso de Arqueologia da UNIVASF, no Parque Nacional Serra da Capivara, sob coordenação da Profa. Dr^a Niéde Guidon; sítio escola do projeto Paranapanema, sob a coordenação da profa. Dr^a Luciana Palestrinni; sítio escola Internacional do PPGH/PUCRS, sob a coordenação do prof. Dr. Arno Alvarez Kern, iniciado em 1992; sítio escola no abrigo Santana do Riacho (MHNJB/UFMG), sob a coordenação do prof. Dr. André Prous, teve suas atividades iniciadas a partir da década de 70; sítio escola no sambaqui Ponta das Almas, realizado na década de 60

sob a coordenação de Walter Piazza; sítio escola Guará I (sítio cerâmico a céu aberto), realizado na década de 90, sob a coordenação prof^a Dr^a Irmhild Wüst (UFG). O projeto de sítio escola no centro histórico de Itaparica, mais precisamente na praça Boulevard e lateral do forte São Lourenço, irá aliar pesquisa arqueológica e seus compromissos sociais e legais à formação de pessoal capacitado para atuar nas atividades arqueológicas promovidas pelo MAE/UFBA. Como postula Arno Kern:

A universidade deverá preparar a nova geração, através de um ensino de arqueologia capaz de habilitar os arqueólogos do futuro com uma base de conhecimentos suficiente e necessária para o desempenho de múltiplas atividades, nos diversos territórios explorados atualmente por esta disciplina. Os novos arqueólogos deverão também, e cada vez mais, preparar-se para a prestação de serviços públicos, graças às importantes e crescentes ações da arqueologia de salvamento ou de contrato. Neste sentido, temos que reconhecer que a universidade, através de iniciativas de seus arqueólogos, está atualmente mais capacitada para a realização destas operações emergenciais, graças à infraestrutura de seus laboratórios, a capacidade técnica de seus pesquisadores e de seus estudantes, bem como a possibilidade de rápida publicação dos resultados da pesquisa. (KERN, 2002: 135).

2.2. TRABALHOS DE CAMPO

O local para a realização do sítio escola foi na Praça Getúlio Vargas, também conhecida como Praça Bouvelard. As atividades de campo foram realizadas em duas semanas – entre os dias 11 e 22 de fevereiro de 2008 – com a participação de estudantes da UFBA e de outras universidades e dos técnicos de arqueologia do museu.

As sondagens foram abertas nos locais das futuras sapatas para instalação da parte estrutural da futura construção e ao lado destas a título de experimentação para treinamento dos alunos. Tratou-se de uma intervenção bastante pontual, somente para salvaguardar a cultura material das áreas que serão atingidas pela obra que estão depositadas no subsolo.

Cada sondagem teve medida padrão, constituindo em um quadrado de 1 x1m, sendo escavado a partir de níveis artificiais de 10 em 10cm, sendo abertos com ferramenta manual. Cada nível estratigráfico foi peneirado separadamente em peneira com malha de 5mm, sendo recolhido o material arqueológico em sacos plásticos devidamente identificados. Ao todo foram abertas 10 sondagens, sendo que os cinco primeiros níveis não foram peneirados já que o solo estava cheio de entulho de obras anteriores e com baixa incidência de material arqueológico (fig. 2).

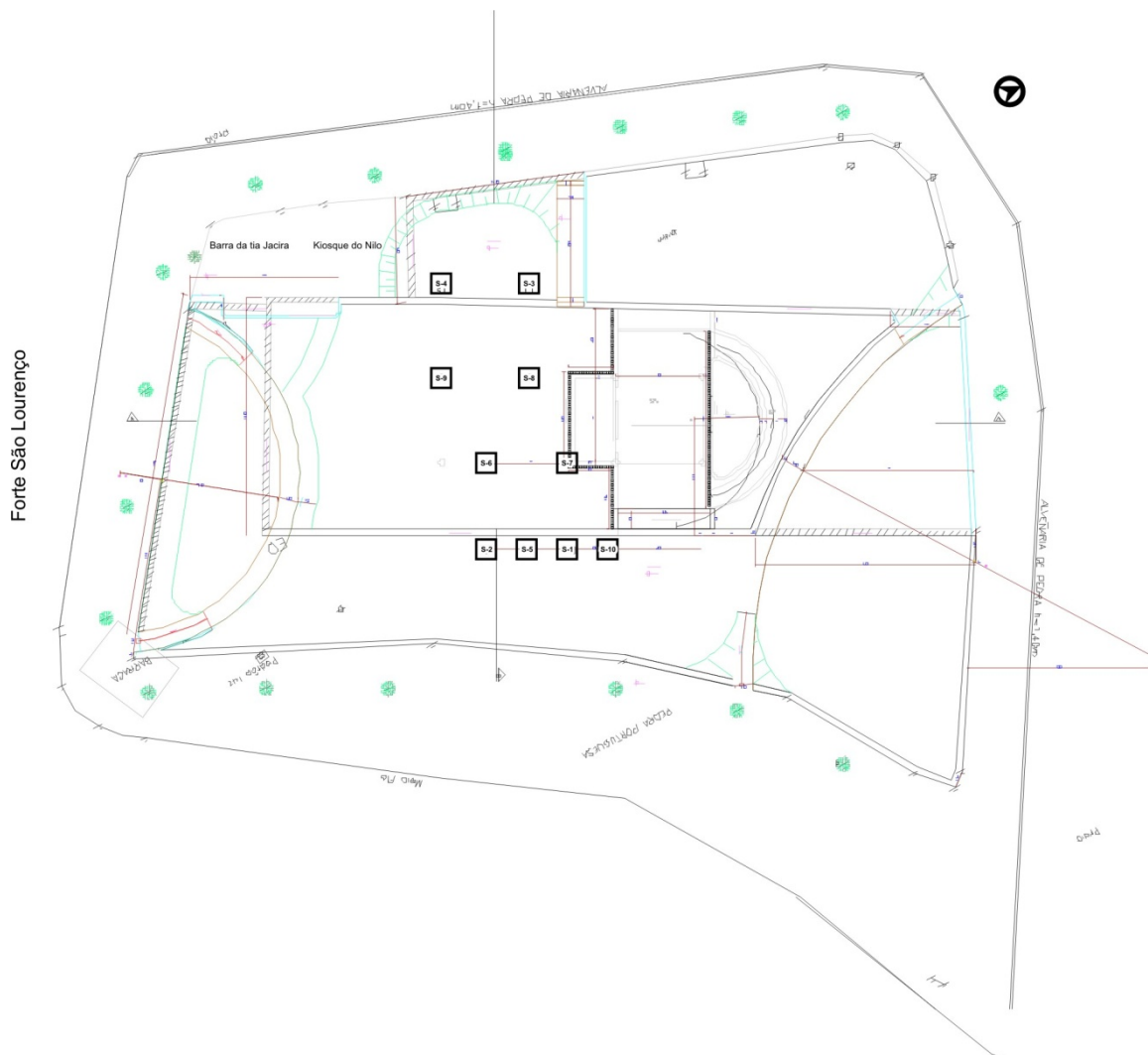


Fig. 2. Planta baixa do futuro Centro de Arqueologia Marítima com locação das sondagens. Adaptado do projeto do arquiteto Carlos Gregório.

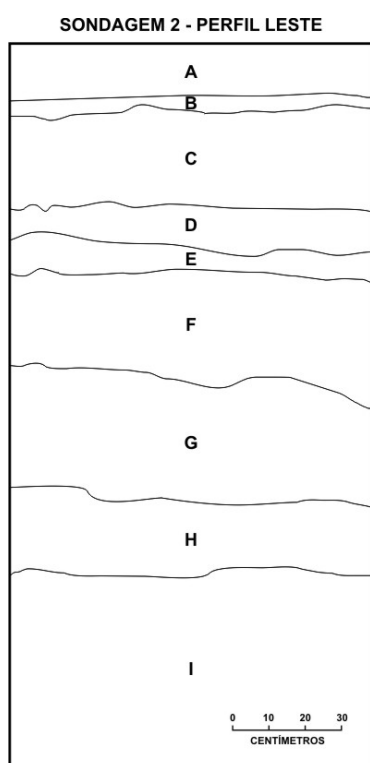
A praça caracteriza-se pelo seu ajardinamento e por uma área rebaixada com piso protendido, que serve de espaço de lazer para comunidade e visitantes. As sondagens realizadas na área gramada revelaram sucessivas camadas de aterro com materiais de nos remetem desde o século XX até o século XVI (figs. 3 a 6). Na área verde, as sondagens 1, 2, 3, 4 correspondem as áreas das futuras sapatas e as sondagens 5 e 10 foram realizadas complementarmente a estas a título de treinamento dos estudantes. Uma sondagem, ao lado da S.2, foi iniciada, mas, não teve sua escavação continuada em razão da canalização d'água encontrada, sendo abandonada.



Fig. 3. Sondagem 2, nível 19. Data: 14/02/2008. Foto: Antônio Carlos Nascimento.



Fig. 4. Sondagem 4, nível 17. Data: 14/02/2008. Foto: Antônio Carlos Nascimento.



Legenda:

A = Solo areno-argiloso marrom escuro com raízes e conchas.

B = Solo argilo-arenoso (barro vermelho) com entulho e conchas.

C = Areia de praia cinza com entulho, reboco, conchas e raízes.

D = Solo areno-argiloso com entulho, cimento, carvão e conchas.

E = Solo argiloso vermelho com tijolos, entulho e conchas.

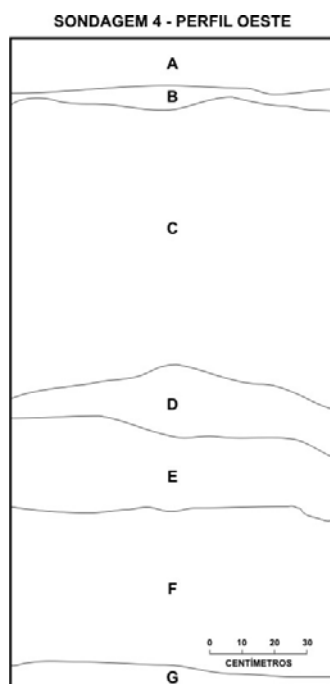
F = Solo marrom avermelhado com entulho

G = Solo marrom claro com entulho e carvão.

H = Solo arenoso marrom com entulho concentrado, blocos, tijolo, raízes.

I = Areia de praia com carvões espaçados.

Fig. 5. Sondagem 2, perfil Leste. Desenho: Felipe Sales, 14/02/2008. Arte: Carlos Costa, 10/2008.



Legenda:

A = Solo arenoso escuro com concentração de materiais construtivos, raízes e conchas.

B = Areia de praia escura e grossa com conchas e raízes.

C = Areia de praia cinza com entulho, reboco, conchas e raízes.

D = Concentração de conchas.

E = Solo argiloso vermelho com entulho, blocos e conchas.

F = Areia de praia com concentração de carvão.

G = Linha de carvão.

Fig. 6. Sondagem 4, perfil Oeste. Desenho: Felipe Sales, 14/02/2008. Arte: Carlos Costa, 10/2008.

As escavações na área pavimentada interna da praça correspondem as sondagens 6, 7, 8 e 9, locais das sapatas, além destas foi aberta uma área de 7 x 7m. Em todas as intervenções deste setor, abaixo do piso protendido apareceu uma tela de concreto com cordoalhas de aço, seguido de paralelepípedos, vigas de edificação e paredes desmoronadas. Em virtude da dificuldade das escavações por se tratar das ruínas soterradas de um restaurante conhecido como Balneário, as escavações cessaram nos primeiros níveis. Estas sondagens não trouxeram nenhuma evidência relevante, apenas confirmaram as informações da existência do restaurante, muito presente na memória dos moradores da localidade.

Ao final do sítio escola as sondagens abertas na área gramada foram fechadas e as dentro do piso protendido ficaram aguardando o seu fechamento pela Prefeitura Municipal de Itaparica.

2.3. Procedimentos de laboratório

2.3.1. Tratamento laboratorial

A lavagem do material arqueológico foi um procedimento realizado todo em laboratório, iniciado no Solar do Rei em Itaparica e finalizado no laboratório de arqueologia do MAE/UFBA. As peças foram lavadas de acordo com sua fragilidade e natureza, sendo utilizados escovas, esponjas, os dedos e água em cubas e baldes.

Os materiais exumados não foram submetidos à triagem, sendo totalmente inventariados. Após a higienização das peças, o acondicionamento dos artefatos foi feito em caixa arquivo polionda. Para este projeto todas as caixas arquivos foram de uma única cor (preto). Cada caixa arquivo foi etiquetada provisoriamente com a indicação de origem (sítio, sondagem) e das ações executadas (ex.: lavagem, numeração). Em seguida, o material ficou acomodado em caixa arquivo na estante do laboratório de arqueologia.

As próximas etapas consistiram na marcação das peças, distribuindo o material na ordem das sondagens e dos níveis de modo crescente nas mesas do laboratório. Somente assim as peças podiam ser marcadas. Geralmente, a marcação deve ser realizada em local discreto, fora da principal vista da peça que possivelmente seria utilizável em uma suposta exposição. O ponto

de marcação deve ainda ser seguro, não sujeito a escoriação, choques ou fraturas que levem a perda do trecho marcado.

No caso específico de alguns materiais, os critérios foram os seguintes: para as cerâmicas e faianças, marcar na face oposta àquela decorada ou, senão, na face interna do fragmento ou peça. Em se havendo decoração em ambas as faces, optar pela menos exuberante e/ou menos representativa.

A aplicação do esmalte foi realizada preferencialmente usando esmalte incolor quando a tonalidade das peças não se confundia com a tinta nanquim preta, impedindo ou dificultando a leitura posterior da marcação. Nos casos em que essa dificuldade foi sentida, aplicou-se esmalte branco ou claro para servir de suporte à marcação.

Para superfícies excessivamente porosas ou rugosas, como o caso de metais ferrosos oxidados e outras similares, é aconselhável aplicar-se antes do esmalte uma demão de líquido corretivo para caneta. Por se tratar de uma solução mais densa, ela tende a preencher mais facilmente os interstícios da superfície da peça, assim, facilitando a aplicação da camada de esmalte que servirá de suporte à marcação. Quando não é possível a marcação de peças metálicas, é feita uma etiqueta de papel com a sua sigla e inserida dentro do saco plástico.

Devido à marcação ser feita com numeração contínua, um erro com a duplicação ou esquecimento de um número acaba por acarretar na correção da numeração incorreta, implicando gasto de tempo e esforço. Para evitar esta possibilidade, é feita a pré-marcação, que consiste em confeccionar uma etiqueta ou anotação da sigla a ser marcada junto a peça. A marcação foi composta de um par de letras maiúsculas (GV), um ponto e dois algarismos (três quando ultrapassaram a centena de peças) em sequência. Esta atividade foi feita com caneta nanquim de cor preta com ponta de 0,1 e/ou 0,2mm. Logo após da confecção da marcação, foi descartada a etiqueta feita como lembrete para marcar a sigla.

Após a secagem da tinta nanquim foi aplicada sobre a marcação uma última camada de esmalte, sempre incolor, que serviu de verniz, protegendo contra escoriações, perdas e esmaecimento dos dígitos. Por último, deixou-se repousar novamente a peça sobre a bancada até que estivesse seca a demão de verniz.

O próximo procedimento laboratorial foi o registro na ficha de marcação. Nesta fase são preenchidos os campos pré-estabelecidos, que contemplam o nome do Projeto, o nome do Sítio, a Marcação aposta na peça, a Classe do objeto, os dados da Etiqueta e a forma do Armazenamento, ou seja, em que contendor foi guardado essa peça.

O acondicionamento final compreendeu em recolocar a peça no seu saco plástico, fechá-lo com o seu lacre e acomodá-lo conjuntamente com os demais em uma caixa arquivo. Em alguns casos, para as peças maiores ou mais frágeis, as mesmas foram acondicionadas em um único saco plástico, evitando assim o entrelaço e as escoriações deles decorrentes.

Por fim, foi afixada uma nova etiqueta na caixa com os seguintes dados: nome do projeto, portaria e data de publicação, nome do sítio, município, número da caixa, marcação das peças que contém, ano. Por precaução, uma etiqueta idêntica a esta foi colocada dentro da caixa.

Logo após, os artefatos são armazenados em caixas, nunca ultrapassando os 2/3 de capacidade, prevenindo, deste modo, o esmagamento de objetos mais frágeis. E como última operação, colocaram-se as caixas, em número de cinco, nas estantes destinadas ao projeto na reserva técnica do MAE/UFBA.

2.3.2 Análise artefactual

A análise do material procurou estabelecer uma identificação básica do material, com a descrição dos atributos de cada fragmento, que permitisse oferecer atributos na definição de tipologias, padrões culturais e na definição de recortes cronológicos dos sítios. O universo

artefactual deste projeto consistiu em 824 peças distribuídas em 22 categorias ou tipos de materiais de diferente natureza (tabela 1).

Tabela 1. Universo artefactual do sítio Getúlio Vargas	
Materiais	Quantidade
Alumínio	01
Azulejo	02
Botão	09
Cachimbo	02
Cerâmica	69
Cerâmica de torno	95
Cerâmica vitrificada	129
Chumbo	01
Conta	03
Cravo	10
Faiança Fina	327
Faiança Portuguesa	34
Ferro	03
Grés	05
Lítico Lascado	01
Metal	11
Moeda	01
Ósseo Animal	58
Pederneira	01
Porcelana	16
Tijolo	01
Vidro	45
Total geral	824

O material cerâmico compreende diferentes categorias que “(...) abrange todos os produtos derivados de uma composição de argila e outras substâncias minerais, postos ao cozimento para obter solidez e inalterabilidade.” (PILEGGI *apud* TOCCHETTO *ET ALII*, 2001: 21). A ficha de análise do material cerâmico consistiu nos atributos de cada tipo de material, se a peça foi remontada ou não, qual a parte da peça, o tratamento de superfície, decoração, além da observação para anotação de detalhes ou características que não foram contempladas anteriormente. Os tipos de cerâmicas identificados foram: faiança portuguesa, faiança fina, porcelana, grés, cerâmica de torno ou roletada sem decoração, cerâmica de torno ou roletada com decoração, cerâmica de torno com vitrificação. Para a faiança portuguesa, a faiança fina e a cerâmica vitrificada foram utilizadas fichas específicas de análise.

Na ficha de análise de todos os tipos de cerâmicas, a parte da peça é o local que o fragmento corresponde na peça, podendo ser a borda, o bojo, a base, a tampa, o bico, a alça, a asa, o cabo dentre outras. As bordas e bases são elementos diagnósticos para caracterização da forma da peça e seu tamanho.

Nos fragmentos de borda de cerâmicas roletadas indígenas ou neo-brasileiras de tamanho superior que cinco centímetros foi possível identificar o diâmetro do recipiente através de uma escala de círculos concêntricos, sendo também desenhado o perfil das bordas mais representativas conforme metodologia difundida no Brasil por Betty Meggers e Clifford Evans (1970: 42-53).

O tratamento de superfície refere-se ao processo de acabamento das superfícies, a exemplo do: alisado, engobado, escovado, grafitado, unglado dentre outros. Este modo de acabamento

de vasilhames é de cunho prático, de origem produtiva e sua decoração não é intencional (LA SALVIA e BROCHADO, 1989: 25).

A decoração é um tratamento artístico dado a cerâmica, podendo dar-se na modificação tridimensional da superfície (decoração plástica) e na aplicação de tinta sob a superfície (decoração pintada). A decoração plástica pode ser incisa, com roletes aparentes, unglada, corrugada etc.

Para a faiança portuguesa foram analisados os seguintes atributos, a partir da obra de Paulo Tadeu Albuquerque (2000) (tabela 2):

Tabela 2. Atributos identificados nas peças de faiança portuguesa.			
Cor da decoração	Motivo / cena		Forma
“Amarelo” “Amarelo, vinhoso e verde” “Azul” “Azul e verde” “Azul e vinhoso” “Azul, verde e vinhoso” “Castanho” “Verde e amarelo” “Verde”, “Vinhoso”, “Ausente”	“Aranhões”, “Boninas”, “Brasões”, “Caracóis”, “Círculos concêntricos”, “Composição de animais”, “Composição de cenas”, “Composição de personagens”, “Crisântemos”, “Cruz de malta”, “Cruz e lança”, “Desenho miúdo”, “Esponjado marmóreo”, “Faixa de volutas”, “Faixas barrocas”, “Faixas de Rouen”,	“Folhas de acanto”, “Folhas lanceoladas”, “Laçarias”, “Laços”, “Linha paralela” “Linhas paralelas” “Nós sem fim” “Pedras sonoras” “Peônias” “Pétalas imbricadas” “Rendas portuguesas” “Romãs” “Três contas” “Ziguezague” “Ausente” “Não identificado”	“Boião” “Garrafa” “Jarra” “Pote” “Prato” “Terrina” “Tigela” “Travessa”

A faiança fina foi analisada mais detalhadamente através da identificação de alguns de seus atributos, a saber: técnica decorativa, padrão decorativo, cor, motivo ou cena, forma, descrição da marca, inscrição e observação (tabela 3). Para a identificação da faiança fina foram utilizadas as obras de Symanski (1998) e Tocchetto et. al. (2001).

Tabela 3. Atributos identificados nas peças de faiança fina.				
Técnica decorativa	Padrão decorativo	Cor da decoração	Motivo / cena	Forma
"Bandada" "Borrão" "Carimbada" "Decalcomania" "Louça não decorada" "Pintada à mão / Borrão" "Pintada à mão / Carimbada" "Pintada à mão / Decalcomania" "Pintada à mão / Molde vazado"	"Anelar" " <i>Chinoiserie</i> " "Exótico" "Faixas e frisos" "Floral / Geométrico" "Floral" "Geométrico" "Gótico" "Pastoral" "Peasant" "Romântico" " <i>Royal Rim</i> "	“Amarelo” "Azul cobalto" "Azul" "Dourado" "Laranja" "Lilás" "Marrom" "Policrômico" "Preto" "Rosa" "Verde" "Vinho"	"Anelar" "Chinesa" "Clássica" "Exótica" "Faixa azul" "Faixa estreita" "Faixa simples" "Faixas e frisos" "Fitomorfo" "Floral / Geométrico" "Floral" "Geométrico"	"Bacia" "Bule" "Caneca" “Enfeite” "Filtro" "Jarra" "Malga" "Molheira" “Peça de jogo” "Pires" "Pote" "Prato de sobremesa" "Prato fundo"

"Pintada à mão livre"	"Sheet Floral"	"Ausente"	"Gótico"	"Prato"
"Pintada à mão sobre superfície modificada"	"Shell Edged / Gótico"	"Não identificado"	"Marmorizada"	"Recipiente côncavo"
"Superfície modificada sem pintura"	"Shell Edged"	Outra cor	"Mocha"	"Sopeira"
"Transfer printing / Borrão"	"Spatter"	"especificar"	"Pastoral"	"Tampa de sopeira"
"Transfer printing"	"Sponge"		"Quadriculado"	"Travessa"
"Não identificado"	"Sprig"		"Romântica"	"Urinol"
	"Trigal"		"Shell Edged"	"Xícara"
	"Willow"		"Trigal"	"Não identificado"
	"Ausente"		"Wave"	
	"Não identificado"		"Ausente"	
			"Não identificado"	

As marcas dos fabricantes de faiança fina e porcelana foram identificadas a partir de obras de referência como guias de marcas nacionais e estrangeiras, através da consulta do livro de Fábio Carvalho (2008) e de catálogos disponíveis pela internet.

Das cerâmicas vitrificadas foram analisados os seguintes atributos de cada peça (tabela 4):

Tabela 4. Atributos identificados nas peças de cerâmica vitrificada.			
Face da vitrificação	Decoração	Cor do esmalte	Forma
"Face externa"	"Lábio ondulado"	"Amarelo"	"Alguidar"
"Face interna"	"Linhas onduladas"	"Amarelo com pingos verdes"	"Bacia"
"FACES interna e externa"	"Carimbada"	"Laranja"	"Boião"
	"Aplicada"	"Laranja com pingos verdes"	"Frigideira"
	Outra "Especificar".	"Marrom"	"Jarra"
		"Verde"	"Recipiente côncavo"
		Outra cor "Especificar"	"Panela"
			"Vaso"
			"Não identificado"
			Outra "Especificar"

A análise do material metálico foi procedida a partir da classificação arqueológica, sendo observados os seguintes atributos: identificação da peça, natureza do material, função da peça, remontagem e observação. A produção bibliográfica de referência para material metálico foi a metodologia utilizada por Carlos Costa (2005).

A natureza do material é o primeiro atributo observado, identificando-se a constituição física da peça, podendo ser de cobre, ferro e outro material (ligas metálicas, aço, alumínio). A função da peça é verificada pela sua forma, sendo elencadas previamente algumas opções mais recorrentes do material. Na ficha de análise também foi anotada se a peça foi remontada em laboratório, procedimento muitas vezes dificultado pela própria natureza do material. No campo da observação das peças metálicas são descritos detalhes ou características observadas que não foram contempladas anteriormente (ex.: inscrições na peça, relevo, estilo ou modismo, estado de conservação diferenciado etc.).

As peças que correspondem aos materiais vítreos tiveram dez atributos observados, tendo como referência principal a dissertação de Paulo Santos sobre contentores de bebidas alcoólicas (2005). Para tanto, elaboramos uma ficha de análise mais simplificada do material vítreo com dez itens observáveis: parte, diâmetro da base, forma da base, técnica de fabricação, forma do recipiente, cor, remontagem, esfoliação, inscrição e marca.

A parte da peça é identificada através da terminação, corpo e base, podendo a peça ser inteira. O diâmetro externo da base é medido somente em peças redondas em centímetros. A forma da base pode ser redonda, oval, quadrada, retangular, facetada (triangular facetada, sextavada, octavada) e retangular facetada.

As peças foram identificadas em sua técnica de confecção sendo classificadas dentro de dois grandes conjuntos: as peças feitas a sopro e as feitas em moldes. Os elementos de identificação da técnica de sopro a mão livre são a assimetria da garrafa, a superfície lisa e brilhante e a grande concentração de vidro na base (LORRAIN *apud* SANTOS, 2005: 74). As peças feitas em moldes são caracterizadas pelas marcas das emendas na área de contato dos mesmos.

A forma do recipiente é um dos principais atributos: copo com as paredes facetadas, copo com as paredes lisas, frasco cosmético, frasco farmacêutico, garrafa cilíndrica, garrafa poligonal, garrafa retangular, garrafão, não identificada, tinteiro, outro (a especificar).

A variação de cores foi definida em âmbar, azul, azul piscina, branco fosco, branco, marrom, preto, rosa, lilás, verde água, verde claro, verde escuro e não identificada. As peças que foram remontadas a partir de dois ou mais fragmentos são anotadas; bem como a esfoliação, item que concerne às questões de conservação, que é o descamamento do vidro e aparência de coloração furta cor.

A inscrição refere-se ao nome do produto, número de lote, siglas, sendo a marca do fabricante observada à parte. O campo da observação na ficha é destinado à anotação de detalhes ou características observadas que não foram contempladas anteriormente (ex.: inscrições na peça, estilo ou modismo, estado de conservação diferenciado, deformidades etc.).

Cabe ressaltar, alguns fatores limitantes durante o processo de identificação das peças vítreas. O tamanho de alguns fragmentos não permitiu determinar a forma do recipiente. Como expõem Santos, os elementos que proporcionam maior quantidade de informação são as bases e terminações (2005: 93). Para as garrafas inteiras também foi possível medir sua capacidade, através do método que utiliza grãos de arroz como medida seca (HARRIS *apud* SANTOS, 2005: 93).

Seguimos com a análise dos principais materiais encontrados, iniciando pela cerâmica, que compreende as cerâmicas modeladas e as cerâmicas de torno. Dentre conjunto de cerâmicas, foi possível a identificação de painéis com marcas de uso (fuligem e borra) e fragmentos e tampa de quartinha (recipiente utilizado para oferendas no candomblé). Os cachimbos estão representados apenas por dois fragmentos, um de forninho e outro do cotovelo da peça.

A cerâmica vitrificada, comumente utilitária, correspondeu a peças de grandes dimensões como recipientes para preparo de alimentos e armazenamento (vasilhas, potes, alguidares). Os fragmentos encontrados predominam as bordas (75%), a metade da vitrificação está na face interna, sendo que 89% da coloração é amarela e apenas 3% das peças apresentam decoração junto à borda.

Os fragmentos de faiança portuguesa medem entre 1,5 a 6cm, sendo possível identificar as categorias da decoração das peças de maiores dimensões. Os fragmentos foram identificados tendo como referência a classificação de Paulo Tadeu Albuquerque (2000), em períodos cronológicos. Do grupo 1, relativo ao terceiro quartel do século XVI até o primeiro quartel do século XVII (1575-1625), identificamos cinco fragmentos com decoração em linhas, linhas paralelas junto a borda, semi círculos concêntricos e arabescos no centro das peças. Do grupo 3, que engloba o período do último quartel do século XVII ao primeiro quartel do século XVIII (1675-1725), identificamos duas peças, sendo uma com círculos concêntricos nas cores azul e verde. Do grupo 5, do terceiro quartel do século XVIII ao primeiro quartel do século XIX (1775-1825), identificamos apenas um fragmento com duas linhas paralelas, que delimitam uma linha ondulada entre pontos.

Quanto aos azulejos, apenas um fragmento encontrado permite identificação, trata-se de uma barra de azulejo possivelmente portuguesa do século XVIII. A peça está bastante reduzida, contudo, a decoração constituinte nos remete a curvas de um desenho com duas linhas, uma fina e outra grossa, delimitando a possível cena.

A faiança fina foi uma categoria de material expressiva numericamente. Destes, 1/3 é formado por louças brancas sem decoração, por outro lado quase a metade de fragmentos são bordas, geralmente decoradas, os quais permitiram a identificação de seus atributos. A técnica decorativa predominante foi a pintura à mão livre em peças lisas e com superfície modificada (40%), seguida pelas bandadas (40%), *transfer printing* (8%) e borrão (7%). Os padrões decorativos mais encontrados foram o floral (22%), o *shell edged* (11%) e o faixas e frisos (6%). A forma principal dos fragmentos que puderam ser identificados foi o prato de servir à mesa.

Quanto à cronologia das peças, as peças de relevo moldado *shell edged* foram produzidas entre 1775 a 1860, já os fragmentos deste padrão sem incisões são mais tardios e refere-se a cópias entre 1780 a 1900 (TOCCHETTO et. al., 2001: 39). As peças com técnica de confecção da decoração pelo *transfer printing* combinado com borrão com motivo decorativo *chinoiserie* são atribuídas a meados do século XIX, como pico de produção (TOCCHETTO et. al., 2001: 37). A decoração *transfer printing* apresenta fragmentos com desenhos de motivo pastoral e chinês, cujo período de fabricação vai do último quartel do século XVIII até o terceiro quartel do século XIX (TOCCHETTO et. al., 2001: 32). A decoração floral da combinação dos estilos *sprig* e *peasant*, pintada à mão livre com policromia tem seu período de fabricação de 1830 até a década de 50 do século XIX (TOCCHETTO et. al., 2001: 51). A faiança com decoração floral carimbada é posterior a este período, iniciando em 1845 e indo até o terceiro quartel deste século (TOCCHETTO et. al., 2001: 27). O padrão Trigoal tem sua produção iniciada na metade do século XIX; no Brasil sua produção segue até os dias atuais (TOCCHETTO et. al., 2001: 40). A faiança fina com técnica decorativa bandada, padrão anelar, motivo faixa simples e mocha com elementos dentrícos foram populares entre 1790 a 1820 (TOCCHETTO et. al., 2001: 26).

A presença de marcas de fabricantes ocorreu em apenas um fragmento da base de uma malga, de origem holandesa de Petrus Regout & Co., The Maastricht China Co., fundada em 1834. A presença de faianças finas de nacionalidade brasileira foi identificada pela peça GV.760, trata-se de fragmento de borda de um prato da marca Adelinas de São Caetano do Sul (SP), fábrica em funcionamento entre 1929 a 1947 (www.porcelanabrasil.com.br).

As porcelanas foram encontradas em pequeno número, a maioria são fragmentos de prato sem decoração. Os fragmentos de grés foram poucos, correspondentes a garrafas de bebidas.

O material metálico encontrado é de origem variada, de diversas funções: construtivas (cravos e pregos), indumentária (botão), militar (cartucho), monetária (moeda), de eletricidade (bocal de lâmpada) e de uso alimentar (cabo de talher, tampa e caneca).

O vidro consistiu em partes de garrafas cilíndricas que serviam como contentores de bebidas alcoólicas, além de alguns frascos, copos e cálices. O pequeno frasco cosmético, com capacidade de 20ml, é de origem francesa (peça GV.785).

Outros materiais foram encontrados em pequenas quantidades, a exemplo de botões (metal e plástico), contas e uma pederneira. Os ossos animais encontrados são, em sua maioria, de gado *vacum*, provavelmente de restos alimentares.

3. Considerações finais

Para os participantes do curso - estagiários e bolsistas do MAE/UFBA, estudantes de outras universidades e da UFBA, a experiência trouxe momentos de vivência em grupo, de trabalho

em equipe, de execução de todas as atividades técnicas e de reflexão das atividades apreendidas e realizadas durante o curso. Para alguns participantes era a primeira vez em uma escavação arqueológica, para outros era a possibilidade de participar de mais uma experiência singular em suas especificidades.

As escavações na Praça Bouvelard, também denominada como Praça Getúlio Vargas, evidenciaram na parte interna da praça os escombros do restaurante Balneário e na parte do jardim gramado uma sucessão de aterros, portanto, toda cultura material ali encontrada é originária de outros sítios da Ilha de Itaparica, visto que aparecem materiais com marca de rolamento, com incrustações marinhas em camadas de sedimentos arenosos (areia de praia, areião) e em camadas de solo argiloso com muitos restos de reboco, argamassa e entulho.

4. Agradecimentos

Aos arqueólogos Carlos Alberto Santos Costa e Henry Luydy Abraham Fernandes. Aos técnicos em Arqueologia Antônio Carlos Nascimento e Fernando Ferreira Santana. Aos estagiários e estudantes deste sítio escola: Antônio Varjão Matos (UFBA), Beatriz Brito de Ferreira Bandeira (MN-UFRJ), Cristiane Eugênia Amarante (PREF. SANTOS / CERPA), Débora Cristina Rangel Nascimento (UFBA), Felipe Silva Sales (UNIVASF), Jeanne Almeida Dias (UFBA), Joseane Macedo da Silva (UFBA), Marília Luz Lemos Silva (UFBA), Rafaela Caroline Noronha Almeida (UFBA), Renata Rosa Alencar (UFBA), Rita de Cássia de Souza Oliveira (UFBA), Tony José Cruz Villa Nova (UFBA), Valter Teixeira Lemos (UFBA). Adilson dos Santos Borges. Aos assistentes de campo, cedidos pela Prefeitura Municipal de Itaparica: Antônio Carlos Conceição, Edmilson Conceição, Moisés dos Santos Nascimento e Paulo César Sacramento de Souza. Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. Pela tradução, Nestor Ferrier e Fernanda Comerlato.

Fabiana Comerlato

Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

E-mail: fabilato@gmail.com

5. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza. *A Faiança Portuguesa – Demarcador Cronológico na Arqueologia Brasileira*. Recife: junho de 2000. CDRom.

BAHIA, Secretaria da Cultura e Turismo IPAC – BA. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia; monumentos e sítios do Recôncavo*. 2ª ed. Salvador, 1997, vol. 2.

CARVALHO, Fábio. *Porcelana Brasil: guia de marcas: guia prático para identificação e datação da louça de mesa e louça decorativa no Brasil*. São Paulo: All Print Editora, 2008.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Materiais construtivos do sítio da primeira Catedral do Brasil: modelos de estudos para telhas, tijolos, cravos e azulejos, aplicados aos materiais do sítio da antiga igreja da Sé, Salvador, Bahia. *CLIO – Série Arqueológica (UFPE)* (19), 43-78.

ETCHEVARNE, Carlos. Intervenções arqueológicas em Centros Históricos: O caso de Salvador. *Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó*. MAX, UFS, PETROBRAS, CHESF, 2002, 57-60.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da Bahia (Brasil)*. São Paulo: Romiti & lanzara, 1940.

KERN, Arno Alvarez. Pesquisas Arqueológicas nas Missões Jesuítico-Guaranis (1984-1994). *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XX, n.1, 63-105, junho, 1994.

_____. O Sítio-escola Internacional do Pós-Graduação em História da PUCRS: importância e características. *Revista de Arqueologia*. São Paulo, 8(2): 89-98, 1994-95.

_____. O Futuro do Passado: os Arqueólogos do Novo Milênio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, vol. 42, 115-136, 2002.

KERN, Arno Alvarez (org.). *Arqueologia Histórica Missioneira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José Proença. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

MEGGERS, Betty e EVANS, Clifford. *Como interpretar a linguagem da cerâmica. Manual para arqueólogos*. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. 2005 *Contentores de bebidas alcoólicas: Usos e significados na Porto Alegre oitocentista*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin; SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira; OZÓRIO, Sérgio Rovani; OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de; CAPPELLETTI, Ângela Maria. *A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Porto Alegre: EU/ Secretaria Municipal da Cultura, 2001.